

29

Educação Sexual: Avaliação de um Programa de Promoção de Saúde na Escola

Abreu, M. (1)

Oliveira, S. (2)

Borges, E. (3)

Bulcão, E. (3)

Martins, T. (1)

Rodrigues, T. (1)

Sousa, M.R. (3)

(1) Professoras-coordenadoras na Escola Superior de Enfermagem do Porto (mabreu@esenf.pt).

(2) Doutoranda da Universidade do Ceará - Brasil.

(3) Professoras adjuntas na Escola Superior de Enfermagem do Porto.

Introdução

A adolescência é definida como a fase da vida humana que se inicia com a puberdade e termina no momento em que o indivíduo atinge determinado grau de estabilidade emocional, económica e social, isto é, entre 10 anos e os 19 anos. Caracteriza-se pela ocorrência de uma série de mudanças a nível bio-psíco-social da maior importância para a estruturação da personalidade e para a integração do indivíduo na sociedade (Braconnier e Marcelli, 2000; Levine, Carey e outros, 1983).

Precisamente, nesta fase, emergem questões relacionadas com o corpo, as emoções, os valores, os preconceitos e, inevitavelmente, com a sexualidade.

Muitos adolescentes vivem as suas dúvidas sobre sexualidade numa grande solidão, com poucos canais de expressão. Uns decidem não falar sobre as suas experiências com a família, temendo que os pais passem a invadi-los com uma infinidade de perguntas que nem sempre estão dispostos a responder. Outros gostariam de falar sobre o assunto com a família, mas nem sempre esta se mostra receptiva.

Por este motivo, é necessário existir outros locais que ofereçam actividades educativas e de aconselhamento para que os adolescentes se sintam confortáveis e seguros para obterem informações e discutirem acerca de assuntos relacionados com a sexualidade, saúde e direitos reprodutivos (Ferraz; Quental; Schwenck e Costa, 2004).

A escola é provavelmente o lugar onde a educação sexual se desenvolveu mais nestes últimos anos, sendo os profissionais de saúde, nomeadamente os enfermeiros, muitas vezes convidados pelas escolas a participar.

Neste contexto, foi implementado o programa de “Educação sexual e promoção da saúde nas escolas: contextos e pretextos para um projecto de vida”, numa escola secundária do Porto. Este programa envolveu as cinco turmas do 9º ano existentes na escola e foi realizado por seis docentes da Escola Superior de Enfermagem do Porto. O programa de intervenção contou também com a colaboração de uma doutoranda da Universidade Federal do Ceará.

Este estudo teve como objectivo avaliar o programa atrás referido.

Segundo Muraskin (1998) existem numerosas razões para se proceder à avaliação de programas de prevenção: (i) determinar a eficácia do programa para os participantes; (ii) provar que os objectivos do programa foram cumpridos; (iii) fornecer informação acerca do serviço prestado, que será útil para os responsáveis pelo programa e outros e (iv) permitir aos responsáveis pelo programa fazer alterações para melhorar a sua eficácia.

Metodologia

Programa de “Educação sexual e promoção da saúde nas escolas: contextos e pretextos para um projecto de vida”.

O programa de “Educação sexual e promoção da saúde nas escolas: contextos e pretextos para um projecto de vida”, decorreu entre Novembro de 2007 e Março de 2008, numa escola secundária do Porto. Foi desenvolvido em 5 sessões lectivas de 90 minutos cada, em aulas inseridas em diferentes disciplinas, conforme o decidido pela escola. As sessões foram divididas da seguinte forma: (I e II) apresentação e discussão do programa e da componente psico-afectiva; (III e IV) apresentação e discussão da componente social e (V) avaliação. Gostaríamos de referir que a apresentação e discussão da componente biológica foi realizada pelos professores da disciplina de Ciências Naturais.

Como referimos anteriormente, a avaliação faz parte do programa, tendo seguido todas as considerações éticas recomendadas. Trata-se de um estudo exploratório-descritivo, de natureza predominantemente quantitativa.

A população foi constituída por 147 adolescentes de ambos os sexos, todos os que participaram das sessões do programa, com idade compreendida entre os 13 e os 19 anos (média de 14.4 anos) que frequentavam o 9º ano de escolaridade, pertencentes a um nível socioeconómico médio (40.8%) e elevado (39.5%). A colheita de dados foi realizada mediante aplicação de um questionário, com questões abertas e fechadas e decorreu em Março de 2008.

Resultados

Seguidamente, apresentaremos os dados recolhidos através do questionário.

Quadro 1 - Idade de início da actividade sexual

Idade	Iniciação sexual						Total	
	Não responde		Sim		Não			
	n	%	n	%	n	%	n	%
13	-	-	-	-	1	0,7	1	0,7
14	1	0,7	5	3,4	91	61,9	97	66,0
15	-	-	6	4,1	34	23,1	40	27,2
16	-	-	4	2,7	3	2,0	7	4,8
17	-	-	1	0,7	-	-	1	0,7
19	-	-	-	-	1	0,7	1	0,7
Total	1	0,7	16	10,9	130	88,4	147	100,0

No quadro 1, verificamos que aproximadamente 11% dos adolescentes referiram já ter iniciado a actividade sexual, embora a sua média de idades seja de 14,4 anos. Entre os adolescentes que iniciaram a actividade sexual, cerca de 56% era do sexo masculino, evidenciando um equilíbrio dos dados desta variável em relação ao género. Embora não tenham sido questionados acerca da idade de início da vida sexual, acredita-se que, possivelmente, a primeira relação destes adolescentes não tenha ocorrido antes ou muito antes das suas idades actuais, já que os dados obtidos se coadunam com os resultados de estudos realizados anteriormente, com adolescentes portugueses. Em Portugal, alguns estudos

com adolescentes constataram que os rapazes iniciaram mais cedo a sua vida sexual em relação às raparigas. Abreu (2005) constatou que 16.7% da sua amostra iniciou a actividade sexual com idade inferior ou igual a 14 anos.

Quadro 2 - Medidas que as(os) adolescentes consideram preservar a sua saúde sexual

Medidas preventivas	Não responde		Sim		Não	
	n	%	n	%	n	%
Abstinência	-	-	12	8,2	135	91,8
Uso de preservativo	-	-	147	100,0	-	-
Menos parceiros	-	-	97	66,0	50	34,0
Evitar sexo com desconhecidos	-	-	121	82,3	26	17,7
Evitar sexo oral	1	0,7	19	12,9	127	86,4
Evitar sexo anal	1	0,7	18	12,2	128	87,1
Higiene corporal	-	-	124	84,4	23	15,6
Exames médicos	1	0,7	112	76,2	34	23,1
Uso da pílula	1	0,7	70	47,6	76	51,7
Consulta de planeamento familiar	1	0,7	100	68,0	46	31,3

Antes da análise do quadro 2 é importante mencionar que os adolescentes podiam referir mais que uma das medidas apresentadas. Neste quadro, salientamos o facto de todos os participantes (100%) terem referido o preservativo como medida preventiva para preservar a sua saúde sexual. As outras principais medidas apontadas foram: a higiene corporal pessoal e do parceiro (84,4%); evitar sexo com desconhecidos (82,3%); a realização de exames médicos periódicos (76,2%) e a consulta de planeamento familiar (68%).

Outro aspecto a salientar neste quadro é o facto de 91,8% dos adolescentes inquiridos não considerarem a abstinência sexual uma medida preventiva para preservar a sua saúde sexual. Este resultado vem reforçar a conclusão de diversos estudos de que a abstinência sexual não resulta como forma de preservar a saúde sexual (Institut for Research and Evaluation, 2007).

Quadro 3 - Distribuição do(as) adolescentes segundo a pertinência do programa na altura em que foi realizado

Altura certa	Sexo				TOTAL	
	Masculino		Feminino			
	n	%	n	%	N	%
Sim	50	34,0	74	50,3	124	84,4
Não	14	9,5	03	2,0	17	11,6
Não responde	05	3,4	01	0,7	06	4,1
Total	69	46,9	78	53,1	147	100,0

Como podemos observar no quadro 3, a maioria dos participantes do sexo feminino (50,3%) e do sexo masculino (34%) consideraram que este programa foi realizado na altura certa das suas vidas. Em relação a todos os participantes, a maioria (79.6%) referiu que se sentia mais preparada para iniciar/continuar a actividade sexual, depois de ter participado no programa. É de salientar que antes da realização do programa, dos adolescentes que iniciaram a sua actividade sexual, 3 (2%) não utilizavam nenhuma medida para preservar a sua saúde. Após a realização do programa, dois deles passaram a utilizar medidas para preservar a sua saúde sexual e um deles não respondeu.

Estes dados vêm ao encontro das conclusões de um estudo da OMS, referido por Katz e Finger (2002), segundo as quais os programas de educação sexual têm um maior impacto no comportamento dos adolescentes se estes frequentarem o curso antes de iniciarem a actividade sexual.

Quadro 4 - Distribuição dos(as) adolescentes segundo as expectativas quanto ao Programa

Expectativas	Sexo				TOTAL	
	Masculino		Feminino			
	n	%	n	%	N	%
Excedeu	06	4,1	09	6,1	15	10,2
Correspondeu	38	25,9	57	38,8	95	64,6
Correspondeu parcialmente	17	11,6	09	6,1	26	17,7
Não correspondeu	06	4,1	01	0,7	07	4,8
Não responde	02	3,4	02	0,7	04	4,1
Total	69	46,9	78	53,1	147	100,0

Como podemos observar no quadro 4, a maioria dos participantes (64,6%) referiu que o programa correspondeu às suas expectativas. Para este resultado contribuiu o facto do programa abordar as diferentes dimensões da sexualidade: a biológica, a psicológica e a social. Estas características do programa vêm de encontro ao recomendado pelo GTES (2005): a ES deve facultar aos jovens, para além da informação médico-sanitária, a oportunidade de compreender a dimensão afectiva da sexualidade, ajudando-os a compreender as emoções, os sentimentos e as decisões envolvidos no comportamento sexual.

Conclusão

Os resultados deste estudo indicam que o programa permitiu que a escola respondesse às necessidades dos alunos e a colaboração entre professores e profissionais de saúde. Por estes motivos, devem ser tidos em consideração por todos os profissionais envolvidos na educação sexual em meio escolar.

Referências

ABREU, M. - *Identities das grávidas adolescents: integração do sistema familiar e das perspectivas individuais de desenvolvimento*. Tese de Douturamento apresentada ao Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar - Universidade do Porto. Porto, 2005

BRACONNIER, A. E MARCELLI, D. - *As mil faces da adolescência*. Lisboa: Climepsi Editores, 2000

FERRAZ, E.; QUENTAL, I.; SCHWENCK, C.; COSTA, N. - *Saúde Sexual e Reprodutiva para Adolescentes: a experiência do Projeto PROESCOLA*. Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú- MG - Brasil, de 20- 24 de Setembro de 2004

GTES - *Relatório preliminar*. Lisboa. Available from: <http://www.dgidc.min-edu.pt>, 2005

GTES - *Relatório final*. Lisboa, 2007.

INSTITUTE FOR RESEARCH AND EVALUATION - *Abstinence or Comprehensive sex education?*, Utah, 2007

KATZ , K.; FINGER , W. - Sexuality and family life education helps prepare young people. *YouthLens*, nº 2, 2002

LEVINE, M.D.; CAREY, W.B. e outros - *Development-behavioral pediatrics*. Philadelphia: W.B. Company, 1983

MURASKIN, L. - *Understanding evaluation: the way to better prevention programs. Archive Information*. Available from: <http://www.ed.gov/offices/OUS/PES/primer1.html>, 1998.

RIBEIRO, Teresa Tomé - *Educação da sexualidade na escola: um treino de competências*. Porto: Casa do Professor, 2006. 104 p.